

Achei a foto, Cláudia!



E nos meus ouvidos ainda ecoam as gargalhadas durante a pausa de trabalho para escrever aquele último texto que nos deu uma dor de cabeça danada. Rindo, Cláudia ridicularizava as nossas pernocas, naqueles tubinhos curtíssimos que nos engordavam, quase todos com cintura alta (tipo princesa), tendência da moda na virada dos 60 para os anos 70.

Mas e a foto? Aonde tinha guardado?

Da formatura na PUC até a partida para o Ceará, Cláudia seguiu caminhos por onde não andei. Só lá na frente, em meados de 80, o telefone tocou num domingo à noite, de Fortaleza. Ouvir sua voz pedindo ajuda e acolhê-la foi o passo para a retomada de um “tempo perdido”. A vida cruzava de novo nossas experiências.

Gerativista de formação, Cláudia precisava aprender a rodar o VARBRUL (à época, a versão do atual GoldVarb), com o objetivo de analisar a fala dos cearenses e de controlar o efeito de algumas variáveis em relação à construção *sei não* (marcador dialetal) em variação com as demais estruturas de negação no PB. Assim, aos poucos, foi acontecendo sua inserção na

Sociolinguística. Nunca escondeu, porém, seu interesse pelo componente biológico da linguagem, pilar de sustentação teórica de sua tese.

Sem que nos apercebêssemos, Cláudia passou a compor a equipe de pesquisadores do PEUL, contribuindo de forma decisiva para o Grupo. De aprendiz, entre uma estada e outra no Rio, logo logo liderou a composição do Banco de Dados Interacionais (BDI) e ajudou a finalizar a Amostra de Jornais. Ainda organizou duas coletâneas, *Variação e Discurso* e *Variação e Aquisição*, uma delas com a decisiva e última contribuição da Alzira.

De volta ao Rio, ingressar no quadro docente da UFF institucionalizou definitivamente Cláudia na vida acadêmica no Brasil. Lá, a eficiente professora de Língua Portuguesa foi conquistando sucesso entre alunos e colegas, equipada com base teórica sólida, adquirida nos bancos da PUC e complementada pelo doutoramento na UFRJ, sob orientação de Miriam Lemle.

Para Niterói, levou a ASSEL-RIO. À frente da Associação, iniciou impressionante trabalho de interiorização, que veio a consolidar-se na gestão em São Gonçalo. Arrebanhando e atraindo um contingente enorme de jovens professores, favoreceu chance única de contato com a Academia a muitos pesquisadores iniciantes.

Não satisfeita, integrou a equipe dirigente da ANPOLL durante a gestão de Laura Padilha, por quem tinha admiração. Ainda na UFF, desempenhou de forma determinante para a excelência do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

A pesquisadora também não deixou por menos. Seus trabalhos, cercados de cautela, eram precedidos de muita reflexão e estudo. Solicitava a leitura de seus textos pelos colegas ilustres antes de expô-los. Naro estava sempre na lista para quem, em parceria com Sebastião, organizou o famoso livro *Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*.

Fez incursões por todo o país em congressos, bancas, eventos, concursos. A fama de arguidora “que-não-passa-nada” de dissertações e teses correu mundo afora. Criou método próprio de ler trabalhos que ia das referências para a amostra, da análise para a metodologia... Tentei aprender. As aulas não foram suficientes para eu me apropriar completamente da técnica de ler no mínimo 3 ou 4 vezes uma tese e destrinchá-la minuciosamente num espaço mínimo de tempo. Os candidatos queriam-na na banca com um misto de receio-respeito-ansiedade, com a certeza de que

a pesquisa seria dissecada nos mínimos detalhes e de que as contribuições viriam enriquecer, aprofundar, apontar defeitos e, por que não, receber alguns elogios.

Nos idos de 90, partiu para um estágio pos-doutoral nos Estados Unidos. Voltou mais funcionalista. Desde então, muitas inquietações como pesquisadora motivaram-na a investigações novas, com abordagens arrojadas, que culminaram com seu livro de sonho *As cadeias do texto: construindo sentidos*.

A doença apareceu na segunda metade do ano de 2002, durante os preparativos para o mega-evento da ABRALIN no Rio. Após o efeito devastador da cirurgia e do tratamento, a então super Secretária da Associação fez questão de se instalar no Glória para recepcionar os ilustres linguistas daqui e do exterior, durante o Congresso, em fev/mar de 2003. Do café-da-manhã ao jantar, não perdeu um minuto sequer dos encontros acadêmicos e sociais.

Anos mais tarde, conquistou assento como Conselheira representando a ABRALIN na região Sudeste. Em segredo, me confidenciou que finalmente realizava um dos muitos sonhos. Atuou como assessora atenta e eficiente às equipes dirigentes sob o comando de Thaís, Dermeval e Maria José.

Viveu os anos de luta para reconquistar a saúde curtindo a tão desejada casa nova. A eufórica liberdade de ter o próprio espaço tornou-a ainda mais minuciosa. Tudo novo, nos mínimos detalhes! E como se orgulhou do apartamento de boneca, bem pertinho da mamãe, exatamente em frente, para matar a saudade quando lhe apertasse o coração. Dentre quase 60 imóveis que visitou, era aquele o ideal. Até o número de telefone, de tão parecido com o da mãe, me obrigava a telefonar para D. Iris para lembrar o seu.

Este não é seu Memorial de Títulos para o concurso, tão almejado, de Titular da UFF. Basta passear pelo LATTES ainda online (espero) para recompor sua história acadêmica, edificada por vocação, mérito, competência, disciplina e determinação.

Aqui mais interessa ressaltar as festas de fim de curso, a cada semestre, com que todas as turmas lhe presenteavam. Não participei de nenhuma delas. A imaginação viajou-me nas recontadas estórias dos bolos, dos doces, dos presentes, através de narrativas vibrantes. A Mestra não admitia terminar um curso sem *Le grand final*. Fazia parte do ofício de professora

ministrar excelentes aulas, com disciplina impecável, avaliação minuciosa e a realização de uma homenagem à Tia. Por que somente para as “tias” dos colégios?

Aos orientandos, tudo. De ordem, inteira dedicação! Firme e amiga, era a parceira desejada para chegar à conquista da titulação. Todos eles, mestres e doutores, exibem brilho próprio. Não houve quem não tivesse a convicção de que, passada pelo seu crivo, a pesquisa valeria a pena.

Assumir cargo de liderança era com a Roncarati mesmo. Numa dobradinha imbatível com Jussara, coordenou o GT de Sociolinguística. As duas criaram a Série PB, que já vai para o terceiro volume, legado deixado na nossa agenda que, rígida e brilhantemente, vem sendo cumprida por Jânia, Dermeval, Mônica Savedra e, agora, Marco Antônio.

Também não foi diferente na AILP. Aliada a amigos fiéis – Ricardo, Edila, Jussara, Maria Lúcia – empreendeu gestão marcada por evento internacional de sucesso, no final de 2010. Escondendo uma infecção que lhe custou “caro” depois, lá estava a Presidente, participando e acompanhando toda a programação intensa que, mesmo sob advertência médica, insistiu que fosse implementada.

Restava finalizar o pos-doc com o Ataliba, a prestação de contas às Agências que haviam repassado aportes importantes para o evento no campus Gragoatá, o relatório final de pesquisa para o CNPq, a proposta de um novo projeto, o curso do primeiro semestre de 2011, a palestra no IBICT, a entrevista sobre a história do GT, o texto da Quarta Capa do livro da Lucia Cyranka, o artigo para a Stella.



Zerou a pauta, a Cláudia, e se foi.

E agora, quem irá às compras com a Malu? Quem levará empadinhas para as festas do Naro? Quem fará a revisão dos textos? Quem dará os parabéns nos aniversários? Quem escreverá os posfácios dos livros em homenagem aos colegas?

Urgente! Alguém tem que dar a dica da loja que vende o fantástico porta-documentos, levinho, para embarcar nos aviões com aquele incrível sorriso de aventura...

Cecilia Mollica

RÓTICOS EM CODA SILÁBICA NA FALA DE NOVA IGUAÇU-RJ COM BASE EM DIFERENTES TIPOS DE *CORPUS*

RHOTICS IN SYLLABLE CODA IN THE SPEECH OF NOVA IGUAÇU-RJ BASED ON DIFFERENT TYPES OF CORPUS

Silvia Figueiredo Brandão

Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pesquisadora/CNPq

Clarice Braconi da Silva

Aluna de Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e
Bolsista de Iniciação Científica do Programa PIBIC/CNPq

RESUMO

Neste trabalho, analisa-se, em duas etapas, o -R em coda silábica na fala de Nova Iguaçu, município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Na primeira etapa, fundamentada na Teoria da Variação e Mudança, analisam-se suas variantes minoritárias – a fricativa velar (em contexto interno) e as fricativas velar e glotal consideradas em conjunto (no contexto externo) com o objetivo de verificar os fatores linguísticos e sociais que concorrem para sua manutenção, com base em dados obtidos em entrevistas de perfil sociolinguístico. Na segunda etapa, observa-se a frequência dessas variantes em amostra selecionada de cartas fonéticas de um atlas linguístico que tem Nova Iguaçu como um de seus pontos de inquérito.

Palavras-chave: coda silábica; falar fluminense; róticos; variantes minoritárias.

ABSTRACT

In this paper, we analyse, in two steps, the R in syllable coda in the speech of Nova Iguaçu, a city in the Metropolitan Region of Rio de Janeiro. In the first step, based on the Theory of Variation and Change, we focus their minority variants fricative velar (in the internal context), and velar and glottal fricatives taken as a whole (in the external context) in order to verify the linguistic and social constraints that contribute to its maintenance, based on data gathered through sociolinguistic interviews. In the second step, we observe the frequency of these variants in a sample selected from some phonetic maps of a linguistic atlas which has Nova Iguaçu as one of its points of inquiry.

Keywords: minority variants; rhotics; syllable coda; Rio de Janeiro variety.

INTRODUÇÃO

Convencionou-se denominar de *róticos* ou sons de -R os segmentos que costumam ser representados sobretudo pela letra “r” nos sistemas ortográficos tradicionais. Esse conjunto, que tem na vibrante realizada com a ponta ou a lâmina da língua ([r]) o seu elemento prototípico, reúne, ainda, a vibrante uvular ([R]), tepes ou flepes, as aproximantes alveolar e retroflexa e as fricativas velar, uvular e glotal, não sendo nem o modo nem o ponto de articulação aspectos definidores de sua interrelação (LADEFOGED & MADDIESON, 1996: 215).

No português do Brasil (doravante PB), vários estudos focalizam os róticos, quer numa perspectiva essencialmente fonológica, quer no sentido de descrever sua distribuição sócio e geodialetal.

De acordo com Câmara Jr, numa primeira interpretação (1953), no sistema consonantal do Português, haveria apenas um fonema vibrante (o -r forte, foneticamente uma vibrante alveolar), que se distribuiria pelos contextos pré e pós-vocálico, como em *rato*, *Israel*, *carta*, *flor*. Em contexto intervocálico, a concretização forte do -r resultaria de uma geminação, enquanto o -r brando seria uma variante posicional enfraquecida com a anulação fonética do primeiro elemento da geminação. Numa segunda interpretação (1977), com base no princípio da oposição fonológica existente em contexto intervocálico (caro x carro), descarta a possibilidade de geminação e passa a postular a existência de duas vibrantes, que só se oporiam nesse contexto, neutralizando-se nos demais.

Lopez (1979), com base na teoria gerativa, postula a existência de apenas um fonema rótico, o -r brando, posição também partilhada por Monaretto (1992) que, na perspectiva da Fonologia Auto-segmental e com base na análise de dados da fala do Rio Grande do Sul, admite a existência de um só fonema na estrutura subjacente: o tepe, “que contrasta na posição intervocálica com uma vibrante forte, a geminada”.

Recentemente, Abaurre & Sândalo (2003), com apoio na Teoria do Articulador, sustentam também a existência de apenas um fonema rótico, o -r forte (a vibrante), alinhando-se, assim, à primeira interpretação apresentada por Câmara Jr.

No que toca à variação e mudança, destacam-se aqui os estudos de Callou (1987) e de Brandão (2008) por analisarem os róticos no âmbito do Estado do Rio de Janeiro.

Callou (1987), numa primeira abordagem da questão, concluiu que, na fala culta carioca, teria ocorrido posteriorização na articulação de -R, observando que, em contexto interno, havia maior frequência da variante fricativa velar, enquanto, no externo, principalmente em infinitivos, predominaria a concretização aspirada ou o cancelamento. A autora constatou, ainda, em relação ao último contexto, maior propensão à realização de tepe diante de vogal, como em “calor imenso”, em que o -R passa de pós a pré-vocálico.

Brandão (2008), em estudo sobre a fala de treze comunidades do Norte e Noroeste do Estado, também demonstrou ser significativo o índice de cancelamento em posição externa, sobretudo na fala dos indivíduos mais velhos. No que tange à posição interna, afirmou que, eliminados os 10% de cancelamento, as variantes [+ ant] – o tepe, a vibrante alveolar e a aproximante retroflexa – correspondiam a 43% dos dados, enquanto as variantes [- ant] – as fricativas velar e glotal – a 57%, o que fazia destas últimas a norma regional.

As variantes de R em coda foram, ainda, registradas em outras regiões do Estado nas cartas do *MicroAtlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro-Micro AFERJ* (ALMEIDA, 2008), que contemplou 12 localidades,¹ e nas do *Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara-AFEBG* (LIMA, 2006), que englobou quatro municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro².

1. Objetivos, breve perfil da comunidade, metodologia

Neste trabalho, realizado em duas etapas, focaliza-se o -R em coda silábica interna e externa, na fala de Nova Iguaçu, município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Na primeira etapa, fundamentada na Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV &, HERZOG, 2006 [1968]), analisam-se suas variantes minoritárias em contexto interno (a fricativa velar) e externo (as fricativas velar e glotal consideradas em conjunto)

¹ As localidades são Porciúncula, Barra do Itabapoana, Quissamã, Cabo Frio, Santa Maria Madalena, Cantagalo, Três Rios, Valença, Resende, Cachoeiras de Macacu, Itaguaí, Parati.

² Trata-se dos municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Magé e Itaboraí.

com o objetivo de averiguar, com base em dados obtidos em entrevistas do tipo DID³, os fatores estruturais e extralinguísticos que concorrem para sua manutenção. Na segunda etapa, verifica-se a produtividade dessas variantes em amostra selecionada de cartas do *Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara-AFBG* (LIMA, 2006), que tem Nova Iguaçu como um de seus pontos de inquérito.

O interesse em tratar de tais variantes decorreu do fato de as primeiras observações sobre o comportamento do R em coda, na fala desse município, fornecerem evidências de que os índices referentes ao cancelamento em posição externa seriam mais expressivos do que os indicados por Callou e Brandão – tanto na variedade culta quanto na popular – e que o tepe estaria deixando de ser implementado diante de vogal, concorrendo, assim, para a ampliação dos contextos de cancelamento. Em posição interna, parecia predominar a variante fricativa glotal, o que poderia estar vinculado ao incremento do processo de posteriorização ou ao contato interdialeto observado nessa comunidade, que conta com expressivo contingente de nordestinos. Partiu-se, portanto, da hipótese de que, na fala dessa comunidade, a variante glotal e o cancelamento atingiam índices quase categóricos, respectivamente, em posição medial e final de vocábulo, o que sugeria ser interessante verificar o que ainda motivaria a presença das variantes menos produtivas, aqui denominadas de minoritárias.

Dentre os 19 municípios que constituem a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu (c.f. Mapa), com 865.089 habitantes (IBGE), é, depois da capital, o que apresenta o maior contingente populacional, em grande parte oriundo de outras áreas do país, sobretudo da Região Nordeste e de Minas Gerais. Com alto grau de urbanização, mas grandes contrastes socioeconômicos, mesmo distante 43 km do Rio de Janeiro, muitos de seus habitantes para lá se deslocam diariamente para estudar ou trabalhar, sendo, portanto, intenso o contato entre os habitantes das duas cidades e, ainda, por conta do intenso processo de imigração, o contato interdialeto.

³ Diálogo entre Informante e Documentador.

2. Análise variacionista

Computaram-se 2.410 ocorrências de R em coda externa e 1.685 em coda interna, tendo-se registrado as variantes que constam da Tabela 1, em que fica claro o predomínio, respectivamente, do cancelamento (90%) e da fricativa glotal (72,9%).

TABELA 1: variantes de R em coda silábica externa e interna

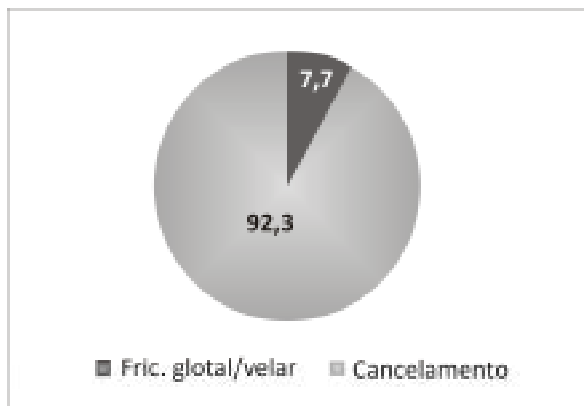
<i>Variantes de R em coda silábica</i>													
Contexto externo								Contexto interno					
Tepe		Fric. velar		Fric. glotal		Cancelamento		Fric. velar		Fric. glotal		Cancelamento	
Oco	%	Oco	%	Oco	%	Oco	%	Oco	%	Oco	%	Oco	%
59	2,4	12	0,5	171	7,1	2168	90%	213	12,6	1228	72,9	243	14,4
Total de dados: 2.410								Total de dados: 1.681					

Como se tinha por objetivo verificar os fatores que motivavam a incidência das variantes fricativas, descartou-se, em contexto externo, o tepe – que só ocorreu diante de vogal, em 59 dados –, o que fez um total de 2.351 ocorrências – e, em contexto interno, o cancelamento, o que redundou em 1442. Quanto ao cancelamento, dos 243 dados, 199 (45% deles) incidiram no vocábulo *porque*.

Para viabilizar a análise, uma vez que os dados com concretização de R mostravam-se dispersos pelas células, amalgamaram-se fatores, criando-se, na maioria dos casos, grupos binários.

2.1 Contexto externo

Em contexto externo, em confronto com o cancelamento, as fricativas ocorrem em apenas 7.7% dos dados, como se visualiza no gráfico 1.

GRÁFICO 1: percentuais de ocorrência das variantes de *R* em coda externa

Diante do baixíssimo *input* (.04) de concretização do *R*, pode-se afirmar que, na fala espontânea de Nova Iguaçu, o cancelamento está implementado, constituindo, portanto, a norma em contexto externo. Os fatores que ainda propiciam a ocorrência das variantes fricativas são sobretudo os relacionados a variáveis de natureza estrutural: a classe e a dimensão do vocábulo e os segmentos adjacentes. Entre as variáveis extralinguísticas, apenas gênero se mostrou relevante.

Conforme relatado em outros estudos (CALLOU, 1987, por exemplo), os nomes (c.f. tabela 2) tendem à concretização do *R* (fricativas: P.R. .86), enquanto os verbos, em que parece se ter iniciado a mudança em direção ao cancelamento, aparecem com p.r. .38. Em relação ao *R* em coda, Oliveira (1997: 40) já observara que o apagamento, no âmbito do infinitivo dos verbos, é um fenômeno bem antigo, ao passo que, entre os nomes, teria cerca de século e meio, o que, certamente, justifica ser, ainda, a classe que mais preserva o segmento.

No que toca à variável *dimensão* (cf. Tabela 3), os vocábulos constituídos por uma única sílaba são mais suscetíveis a resguardar o segmento (p. r. . 73) do que os de duas ou mais sílabas (.43).

TABELA 2

Variável <i>classe do vocábulo</i>			
Fatores	OCO	Percentual	P.R.
Nomes	123/466	26,2%	.86
Verbos	60/1845	3,3%	.38
Input: .04		Significância: .000	

TABELA 3

Variável <i>dimensão do vocábulo</i>			
Fatores	OCO	Percentual	P. R.
Uma sílaba	46/479	9.6%	.73
Mais de uma sílaba	137/1872	7,3%	.43
Input: .04		Significância: .000	

Os resultados referentes ao *contexto antecedente* (cf. tabela 4) mostram que vogais [+arr] (p.r. .70) são mais propícias às fricativas do que as [-arr]. Isto está em consonância com o que já se observara na tabela 2, uma vez que, em verbos, o R em contexto final é normalmente antecedido por [i], [e], [a] – as vogais temáticas, todas [-arr] –, sendo poucos os casos em que ocorre a [+arr], restritos a *pôr* e seus derivados. Os nomes, ao contrário, são os ambientes favoráveis às [+arr].

A última das variáveis estruturais selecionadas é uma das que se detém no contexto subsequente (cf. tabela 5). O controle desse grupo de fatores tinha por objetivo testar a hipótese de que, diante de vogal, o tepe estaria sendo pouco implementado dando lugar ao cancelamento; e, por outro objetivo era verificar se a fricativa glotal detectada nesse contexto – quando da fase preliminar de audição das entrevistas – consistiria num caso isolado ou teria relativa produtividade (relativa, porque a concretização do R externo, somando-se todas as variantes expostas na tabela 1, é de apenas 10%).

As hipóteses confirmaram-se: o cancelamento tem altos índices de frequência diante de vogal, contexto em que os 59 dados de tepe foram categóricos; a ocorrência de fricativa glotal não foi aleatória, tendo sido observada em 22 dados, o que, certamente, levou à seleção dessa variável. Assim, embora a presença de consoante e pausa (p.r. .56) no contexto subsequente motive a fricativa, há uma pequena possibilidade de ela ser implementada (p. r. 36) quando ao R se segue uma vogal.

TABELA 4

Variável contexto antecedente			
Fatores	OCO	Perc.	P.R.
Vogal [+arr]	73/223	32,7%	.70
Vogal [-arr]	110/2128	5,2%	.47
Input: .04		Significância:.000	

TABELA 5

Variável tipo de impedimento à passagem do arna articulação do segmento subseqüente			
Fatores	OCO	Perc.	P.R.
Cons./pausa	161/1628	9.9%	.56
Vogal	22/723	3%	.36
Input: .04		Significância:.000	

Na tabela a seguir, apresentam-se as 22 ocorrências da fricativa glotal diante de vogal, com a indicação dos oito informantes que a produziram⁴ e que se distribuem pelas três faixas etárias (A, B, C), os três níveis de escolaridade (1, 2 e 3) e os dois gêneros, embora o informante A2m se destaque dos demais (10/22 ocos).

TABELA 6

Variante fricativa glotal de R em coda externa diante de vogal, por informante			
Vocábulo/Contexto	Inform	Vocábulo/Contexto	Inform
tipo de <u>linguajar</u> acho que	A2h	<u>dar</u> as coisas	A1m
<u>formar</u> em fisioterapia né	A2m	dependendo do <u>diretor</u> é	A3m
o <u>pegar</u> a minha sorte		procuro <u>ter</u> essa regra	B1m
o <u>parar</u> e retornar		não tem dor <u>maior</u> igual	B2m
que <u>quer</u> estudar mais		ia <u>ser</u> a mesma coisa	
vai me <u>violentar</u> e eu vou ficar		entre a serra do <u>mar</u> e	C3h
quando eu <u>começar</u> a trabalhar		do <u>mar</u> onde tá o Tinguá	
condições a <u>pagar</u> um plano		o nível do <u>mar</u> entendeu	
eu queria <u>ir</u> ao banheiro		<u>professor</u> é saber	C3m
pois é <u>doutor</u> eu dei bom dia		menos o meu <u>setor</u> e o	
eu dei bom dia pro <u>senhor</u> o		coloca no <u>computador</u> aí	

⁴ Apresenta-se o código do informante, em que A, B e C dizem respeito à faixa etária, respectivamente, 18-35 anos; 36-55; 56-75; 1, 2 e 3, referem-se ao nível de instrução, respectivamente, fundamental (segundo segmento), médio e superior. Em seguida, indica-se o gênero: m= mulher; h= homem.

Callou (1987: 120), ao tratar o R em contexto externo na fala culta carioca, além do *tepe* e do cancelamento, assinala “ocorrências esporádicas” de outras variantes diante de vogal: as vibrantes alveolar e uvular e as fricativas velar e glotal, o que, segundo ela, ‘se poderia considerar resultante de situação tensa, mesmo na linguagem coloquial’, acrescentando que, “em situação relaxada, diante de vogal inclusive, é mais frequente a variante R-6”, isto é, o cancelamento.

Tendo em vista que se reuniram, na análise, as ocorrências da glotal e as doze da velar, estas restritas aos ambientes que precedem consoante (03 ocoss) e pausa (09 ocoss), apresentam-se, na tabela 7, os registros de velar, a maioria produzida pelos indivíduos mais velhos (faixa C), que, juntamente com os da faixa intermediária, são os que mais preservam a concretização do segmento.

TABELA 7

Variante fricativa velar de R em coda externa por informante			
Vocábulo/Contexto	Inform	Vocábulo/Contexto	Inform
tá tudo ali no mesmo <u>patamar</u>	A1h	qualidade de atendimento <u>melhor</u>	C2m
Fica por trás do <u>ator</u>		eu tiver uma situação <u>melhor</u>	
Queirós... <u>Aguiar</u>	B2m	não, uma trabalha na Rede D’ <u>Or</u>	C3m
doméstica... do <u>lar</u>		de <u>formar</u> técnicos	
não era do <u>lar</u> mesmo		eu queria apenas <u>ter</u> fichas	
fica entre a serra do <u>mar</u> .	C3h		
de Guanabara ou no <u>mar</u> .			

Quanto à variável *gênero*, a última do nível de seleção, são as mulheres (p. r. .60) as mais propensas à preservação. No citado estudo de Callou, elas lideravam o processo de mudança, no que se refere tanto à adoção da variante mais posteriorizada, a glotal, quanto do cancelamento.

TABELA 8

Variável gênero			
Fatores	OCO	Perc.	P.R.
Mulher	132/1380	9.6%	.60
Homem	51/971	5.3%	.35
Input: .04		Significância: .000	

Já que se mencionou a fala culta carioca e Nova Iguaçu se situa na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, embora a variável *nível de instrução* não tenha sido selecionada, cabe dizer que os índices de preservação das fricativas entre os indivíduos com nível superior (8%) em nada diferem dos de nível fundamental (8%) e médio (7,3%), o que sugere não ser o cancelamento, com 92% em todos os níveis de instrução aqui computados, uma variante socialmente estigmatizada.

2.2 Contexto interno

Em contexto interno, desconsiderado o cancelamento, num total de 1441 dados, confrontaram-se as duas fricativas, cujos percentuais de ocorrência se visualizam a seguir.

GRÁFICO 2: percentuais de ocorrência das variantes fricativas de *R* em coda interna



Como deixa claro o gráfico 2, é alta a produtividade da glotal (1.228 ocos – 85,2%) em contexto interno, motivo pelo qual se busca depreender os fatores que concorrem para a ocorrência da velar (213 ocos – 14,8%), tomada como valor de aplicação na análise. As variáveis de natureza extralinguística *faixa etária*, *gênero* e *nível de escolaridade* – mostraram-se as mais relevantes, secundadas por *classe do vocábulo* e *modo de articulação da consoante subsequente*.

Curiosamente, são os indivíduos mais jovens os que mais retêm a velar (p.r. .65) em contraposição aos das faixas B e C, cujo comportamento muito semelhante, levou a juntá-los numa faixa única (p.r. .41).

As mulheres, que, em contexto externo, preservavam a concretização de R, no interno, mostram-se aqui também mais conservadoras, sendo mais propícias (p.r. .63) do que os homens (p.r. .36) ao uso da variante velar.

No estudo de Callou (1987) esta era a variante que predominava largamente no contexto interno, havendo, no entanto, tendências opostas quanto ao uso da glotal, adotada preferencialmente pelos mais jovens e pelas mulheres.

TABELA 9

Variável <i>faixa etária</i>			
Fatores	OCO	Perc.	P.R.
A-18-35 anos	115/524	21,9%	.65
B/C- 36-75 anos	98/917	10%	.41
Input: .11		Significância:.002	

TABELA 10

Variável <i>gênero</i>			
Fatores	OCO	Perc.	P.R.
Homem	72/709	10,2%	.36
Mulher	141/732	19,3%	.63
Input: .11		Significância:.002	

No que se refere à escolaridade, esperava-se que fossem os indivíduos de nível superior os que mais usassem a fricativa velar, o que não se confirmou. Observa-se, mesmo, uma escala de uso: quanto menos escolarizado (fundamental: p.r. 69), mais propenso à velar.

TABELA 11

<i>Variável nível de escolaridade</i>			
Fatores	OCO	Perc.	P.R.
Fundamental (2º seg)	78/330	23,6%	.69
Médio	74/462	16%	.52
Superior	61/649	9.4%	.38
Input: .11		Significância: .002	

Para a análise (cf. tabela 12), amalgamaram-se substantivos e adjetivos na classe dos nomes, que foi contraposta às demais, entre as quais se incluem as formas verbais. É no domínio dos nomes, o conjunto mais numeroso, que a velar é mais preservada (p. r. .55).

Das variáveis de natureza fonológica, a *modo de articulação* foi o único selecionado, sendo as africadas, em contexto subsequente, as que mais preservam a velar (p. r. .64), como nos vocábulos *esporte*, *parte*, *perde*, *tarde*. As oclusivas, o conjunto mais representado no *corpus*, é neutra em relação às variantes (.50).

TABELA 12

<i>Variável classe do vocábulo</i>			
Fatores	OCO	Perc.	P.R.
Nomes	165/987	16.7%	.55
Outras classes	48/454	10.6%	.37
Input: .11		Significância: .002	

TABELA 13

<i>Variável modo de articul.da cons. subsequente</i>			
Fatores	OCO	Perc.	P.R.
Oclusiva	100/705	14.2%	.50
Nasal	36/252	12.5%	.44
Africada	55/179	23.5%	.64
Fricativa	22/213	10.3%	.40
Input: .11		Significância: .002	

3. Os dados do AFeBG

As análises referentes ao R em coda externa e interna levadas a efeito na seção 2, como já se afirmou, foram realizadas com base em entrevistas de perfil sociolinguístico – portanto, representativas da fala espontânea – há bem pouco tempo (2009-2010), com indivíduos distribuídos por três níveis de escolaridade, entre eles não se tendo contemplado o primeiro segmento do ensino fundamental.

Com os informantes do AFeBG, que se inserem nesse último grupo quanto ao grau de instrução, foram realizadas, no biênio 2005-2006, entrevistas de recorte geolinguístico, isto é, que consistiram na aplicação de um questionário, cujas respostas deram origem a 308 cartas. Como se trata de um atlas fonético, cada pergunta deveria gerar como resposta um mesmo item lexical, uma forma isolada, de modo a garantir a comparabilidade dos dados. Tal prática implica, da parte do pesquisador, uma seleção vocabular que propicie o registro de determinados fenômenos o que, a depender do recorte utilizado, pode redundar na maior ou menor frequência das variantes – e da parte do informante, a possibilidade de monitorar sua fala, o que pode levá-lo a usar/evitar formas que valere como positivas/negativas.

Os dados relativos ao R no AFeBG serviram para, de um lado, aquilatar a produtividade das variantes de R nos dois contextos entre indivíduos com escolaridade mínima e sua distribuição pelos diferentes gêneros e faixas etárias e, de outro, para observar se um maior monitoramento da fala alteraria os padrões encontrados na fala espontânea, isto é, haveria o incremento de fricativas no contexto externo e o de velares no contexto interno.

Em cada localidade retratada no atlas, neste caso em Nova Iguaçu, a princípio, esperam-se seis respostas por questão/carta, referentes aos seis informantes entrevistados, o que nem sempre ocorre.

3.1 R em coda externa com base em 19 cartas fonéticas

As dezenove cartas fonéticas do AFeBG em que R se encontra em coda externa estão listadas na tabela 14, apresentando-se o número de ocorrências obtidos para as diferentes variantes em cada uma delas.

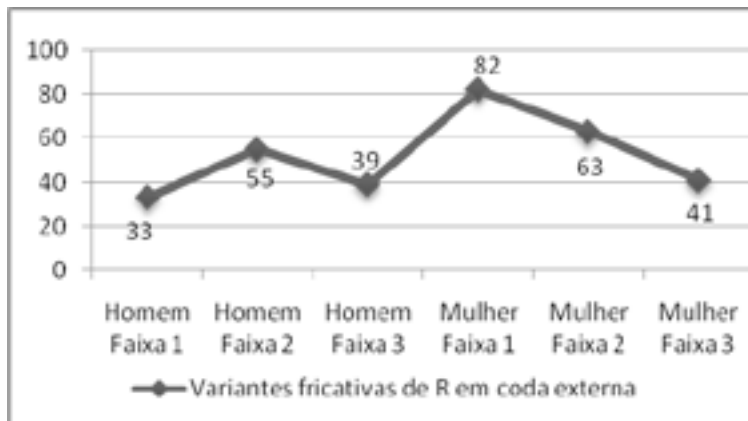
Comparando-se os índices expostos na tabela 14 (52%) aos percentuais obtidos na análise variacionista (c.f. gráfico 1: 7,7%), percebe-se que, na fala dirigida ou monitorada, o índice de fricativas aumenta consideravelmente. Mesmo os verbos em negrito, na tabela a seguir, que na fala espontânea apresentaram apenas 3,3% de fricativas, nas cartas aparecem com 30% de frequência (15/50 ocoss).

TABELA 14: percentuais de ocorrência de variantes de R em coda externa, em 19 cartas fonéticas do AFEBG

Nº	CARTA	Ocos por variante			Nº	CARTA	Ocos por variante		
		velar	glotal	canc			velar	glotal	canc
004	açúcar		3/6	3/6	172	motor	2/5	3/5	
048	calor	4/6		2/6	209	plantar		1/6	5/6
061	chover	1/6		5/6	219	pregador		4/6	2/6
092	dormir		1/4	3/4	220	professor		2/6	4/6
093	doutor	3/5	2/5		227	queimar		1/6	5/6
102	esquecer	1/6	4/6	1/6	233	rezar			6/6
114	flor		4/6	2/6	237	sair		3/5	2/5
160	mar	4/5	1/5		256	trabalhar	2/6	3/6	1/6
162	mastigar			5/5	268	ventilador		3/6	3/6
165	melhor	3/5	1/5	1/5					
Total parcial		16/54	16/54	22/54	Total parcial		4/52	20/52	28/52
Total geral		Velar 20/106 = 18%			Glotal 36/106 = 34%		Cancelamento 50/106 = 48%		
Fricativas: 56/106 = 52%					Cancelamento: 50/106 = 48%				

Os índices registrados no gráfico 3, a seguir, sugerem, segundo a hipótese inicialmente formulada, que as mulheres, sobretudo as mais jovens (faixas 1 e 2), estão mais atentas a sua fala do que os homens, motivo que as leva a produzir um maior percentual de fricativas, evitando, assim, o cancelamento. Esse resultado confirma o que se observou na análise variacionista em que a variável gênero (cf. tabela 8) foi uma das selecionadas como motivadora dessas variantes, também com as mulheres apresentando maior incidência da variante.

GRÁFICO 3: índices percentuais de ocorrência, por informante, das variantes fricativas de R em coda externa em contraposição ao cancelamento



3.2 R em coda interna com base em 30 cartas fonéticas

Ao se confrontarem as duas análises, verifica-se que, em contexto interno, os resultados referentes à velar são praticamente idênticos: no Atlas, 14,5%, na análise variacionista, 14,8%, o que demonstra, entre outros aspectos, que o contexto interno, quando a fala é monitorada e não está em jogo o cancelamento, não é marcado como o contexto externo.

TABELA 15: percentuais de ocorrência de variantes de R em coda interna, com base em 30 cartas fonéticas do AFeBG

Nº	CARTA	Ocos por variante			Nº	CARTA	Ocos por variante		
		velar	glotal	canc			velar	glotal	canc
017	aniversário		2/6	4/6	132	gordo	1/6	5/6	
021	arco-íris	1/5	4/5		144	lagartixa	2/6	4/6	
024	árvore		6/6		170	mordida	1/6	5/6	
041	borboleta	1/5	4/5		179	nordestino	1/5	1/5	3/5
046	caderno	1/6	5/6		191	órfão	1/6	3/6	2/6
053	carnaval		6/6		201	perfume	1/5	2/5	2/5
054	carta	2/6	4/6		202	pergunta	1/5	4/5	

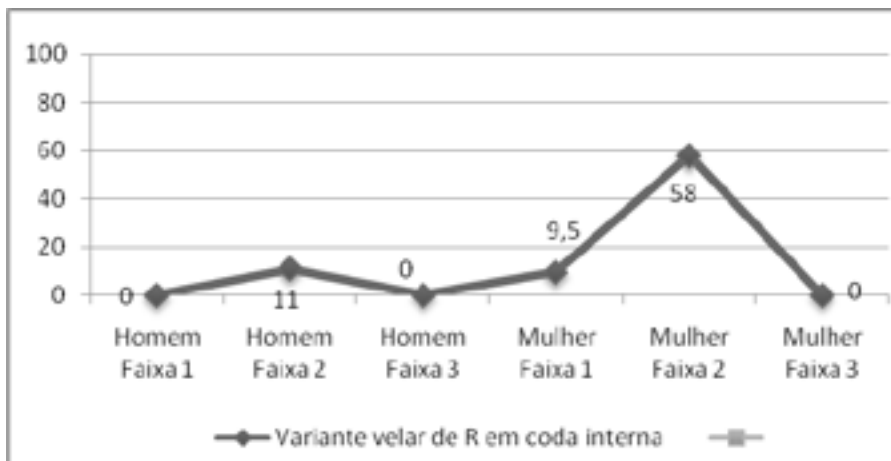
continuação tabela 15

057	catorze		2/5	3/5	205	perto		6/6	
060	certo	3/6	3/6		214	porquinho	2/5	3/5	
076	cortina	1/6	4/6	1/6	215	porta	2/6	4/6	
091	dormindo	1/6	5/6		250	tarde		6/6	
092	dormir	1/4	3/4		273	virgem	1/6	5/6	
117	formiga		6/6		290	terça-feira		3/6	3/6
118	forte		6/6		291	quarta-feira	1/6	5/6	
127	garfo		5/6	1/6	298	março		3/6	3/6
Total parcial		11/85	65/85	9/85	Total parcial		14/86	59/86	13/86
Total geral		Velar 25/171 = 14,5%			Glotal 124/171 = 72,5%		Cancelamento 22/171 = 13%		
Velar: 25 / 149 = 17%					Glotal: 124 / 149 = 83%				

No que tange às variáveis extralinguísticas, houve algumas convergências. Entre os informantes do atlas (cf. gráfico 4), as mulheres sobressaíram em relação à produção da velar, sobretudo a pertencente à faixa intermediária (58%). Entre os homens, somente o da faixa intermediária usou a variante (11%), não apresentando os demais nenhuma ocorrência.

Quanto à instrução, considerados os níveis cobertos pelos diferentes *corpora*, verifica-se que a variante velar é mais produtiva entre os indivíduos de nível fundamental, embora os que têm de cinco a oito anos de escolaridade (23,6%, na amostra sociolinguística) sejam mais sensíveis a essa variante do que os que frequentaram a escola por quatro anos (amostra do atlas: 17%), índice, neste caso, bem próximo dos de ensino médio (amostra sociolinguística: 16%). Os informantes de nível superior destacam-se dos três grupos, com os menores percentuais (9% na amostra sociolinguística).

GRÁFICO 4: índices percentuais de ocorrência, por informante, da variante fricativa velar de R em coda interna, em contraposição à glotal



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experimentação aqui realizada – o enfoque de uma variável linguística por meio do confronto de resultados de análises desenvolvidas numa mesma localidade por distintos pesquisadores e segundo diferentes procedimentos metodológicos –, entre outros aspectos, (a) valida, reciprocamente, as tendências detectadas em cada uma delas; (b) confirma a complementaridade das duas linhas de pesquisa, (c) demonstra a importância da elaboração de estudos geolinguísticos que levem em consideração diferentes dimensões, de modo a melhor captar a dinâmica social das localidades e (d) ratifica a observação de Rossi (1984:106) de que “*os lugares, as áreas, não existem nas ciências humanas como espaços físicos em si, mas como espaços sociais.*”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. Bernadete; SANDALO M. Filomena. Os róticos revisitados. In: HORA, Dermeval; COLLISCHONN, Gisela (orgs). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. 2008. 2 v. *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro: uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses*. 2 v. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

BRANDÃO, Silvia F. A fala popular do Estado do Rio de Janeiro numa perspectiva geo-sociolinguística. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. 1 ed. Niterói: EdUFF, 2008. p. 268-284

CALLOU, Dinah. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PROED-UFRJ, 1987.

CÂMARA JR, J. Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

_____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1977.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. *The sounds of world's languages*. Oxford: Blackwell: 1996. p. 215-245.

LIMA, Luciana G. *Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara-AFeBG*. 2006. 2.v. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

LOPEZ, Bárbara S. *The sound pattern of Brazilian Portuguese: Cariocan dialect*. 1979. Tese de Doutorado. Los Angeles: University of California, 1979.

MONARETTO, Valéria N. O. *A vibrante: representação e análise sociolinguística*. 1992. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Porto Alegre, Instituto de Letras, Universidade federal do Rio Grande do Sul, 1992.

OLIVEIRA, Marco A. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 6, n.6, p. 32-58, 1997.

ROSSI Nelson. Variação diatópica e sociolinguística. Congresso de Sócio-e-Etnolinguística, 2. /Anais.../ Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1984. p. 101-115.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

FARACO, Carlos Alberto. “O tratamento você em português: uma abordagem histórica”. *Fragmenta* 13, 1996. p. 51-82.